

## EDITORIAL

---

*Enio Paulo Giachini*

O número ora publicado da Revista filosófica *São Boaventura* traz como eixo central algumas reflexões voltadas à disciplina da **Filosofia da Arte**. Inicia com um texto póstumo de Harada, adaptado a partir de preleções sobre um curso da disciplina Filosofia da Arte, e explora o viés da linguagem própria da arte. Qual a diferença e identidade entre filosofia e arte? É possível, a partir da filosofia, falar sobre arte e ou vice-versa? O texto encaminha as reflexões no sentido de mostrar que, se a filosofia ou qualquer outra forma de expressão humana, quiser falar de arte tem de se tornar ela própria em arte, o que significa que o modo próprio e mais autêntico de **falar** de arte é a poesia. Entretanto, qualquer outro saber só pode falar de arte na medida em que falar **artisticamente**, ou seja, na cocriatividade de sua essência.

Republicamos um texto de Otilia B. F. Arantes sobre a arte de Paul Klee e a utopia do movimento. O texto busca mostrar a pintura de Klee voltada para sua preocupação mais primordial: descrever movimento como a origem de arte e vida.

O estudo de Daniel P. Abeche busca compreender o papel do corpo no pensamento tardio de Wittgenstein, representado pelas *Investigações Filosóficas*. A abordagem da visão agostiniana da linguagem é nosso ponto de partida. Wittgenstein mantém o corpo como basilar em sua ontologia. Abarcada por exemplos cotidianos e por aspectos antropológicos, a obra póstuma de Wittgenstein busca pela exteriorização e pela indissociabilidade entre corpo e mente, cujo significado da linguagem encontra-se na práxis, nos gestos e na cultura.

O artigo de Pizzolante focaliza o debate a partir de uma carta, “Fé e si mesmo”, como parte de um conjunto de textos filosóficos, a série: *Seres de um dia*, que está endereçada à busca da compreensão da temporalidade

própria e imprópria da cura apresentada em *Ser e Tempo*. Sua conjugação com a disposição de descoberta e acolhimento do outro de si em si mostra ser primordial para o pensamento da Fé. A carta, endereçada a um grupo de amigos teólogos e religiosos, apresenta-se em quatro movimentos: História concomitante de ser e não ser; Angústia e curadoria do outro em si; É a fé que nos alcança; Único em si mesmo.

Partindo de Kierkegaard, o texto crítico de L. P. Lazzaretti desenvolve uma reflexão sobre a relação entre o fenômeno religioso e a institucionalização do cristianismo. É feita uma análise da relação conceitual-fenômeno entre religiosidade e institucionalização, demonstrando assim que a objetificação promovida pela institucionalização pode ser uma das causas da ausência de religiosidade e, portanto, do enfraquecimento do fenômeno religioso.

O texto de tradução traz um trecho de Rilke, tirado de seus diários, onde, a seu modo bem característico, faz uma aproximação da poesia (arte) com fala sobre a pesquisa história da pintura (história). Como seria possível, por exemplo, discorrer e descrever literariamente a paisagem. Como tudo de Rilke, é um texto denso e leve ao mesmo tempo, mas inspirador e revelador do modo próprio de o humano habitar artística e artesanalmente a terra dos homens.